

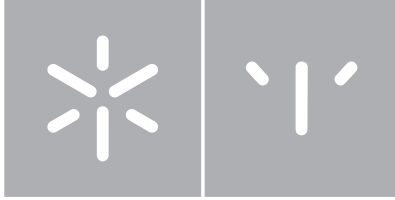


Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Camila Garcia Silva Severo

**Comportamento de externalização em
idade pré-escolar: Acordo
interobservadores e relação com
competência social**



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Camila Garcia Silva Severo

**Comportamento de externalização em
idade pré-escolar: Acordo
interobservadores e relação com
competência social**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia Aplicada

Trabalho realizado sob orientação do
Professora Doutora Carla Martins

Índice

Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Comportamentos de Externalização: Acordo Interobservadores.....	6
Comportamentos de Externalização: Relação com Competência Social.....	8
Método.....	9
Participantes	9
Instrumentos	10
Procedimento	13
Resultados	14
Comportamentos de Externalização: Concordância Interobservadores	15
Comportamentos de Externalização: Associação com Variáveis Sociodemográficas	16
Competência Social	17
Competência social e medidas sociodemográficas.....	17
Comportamentos de externalização: Relação com a competência social	18
Discussão.....	19
Referências	25

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Informação Sociodemográficas dos Participantes.....	9
Tabela 2 – Valores da Porcentagem e do Kappa de Coehn do Acordo dos Interobservadores	12
Tabela 3 – Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo	15
Tabela 4 – Concordância entre Percepções Materna, da Educadora e Avaliação da Investigadora dos Comportamentos de Externalização	16
Tabela 5 – Associação entre Comportamentos de Externalização e Variáveis Sociodemográficas ..	16
Tabela 6 – Associação entre as Variáveis Sociodemográficas e as Subescalas de Competência Social, Agressividade e Ansiedade/Isolamento	17
Tabela 7 – Associação entre Comportamentos de Externalização e Competências Sociais a partir das Percepções Materna, da Educadora e da Avaliação da Investigadora	18
Tabela 8 – Predição de Competência Social com Variáveis de Presença de Irmãos e Comportamentos de Externalização	19

Agradecimentos

Não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que diretamente e indiretamente me ajudaram a finalizar mais uma etapa da minha vida.

Em primeiro lugar aos meus pais e irmã, Marcus, Marcia e Rafaela, pois sem eles nada disso aconteceria. Obrigada pelo amor, pelo apoio e por mandar sempre forças mesmo tendo um oceano de distância entre nós.

À minha orientadora, Professora Doutora Carla Martins, por todas as orientações, aulas de estatísticas, reuniões e apoios durante esse período de aprendizagem. Aprendi tanto convosco e serei eternamente grata a isto.

A todos os membros do júri que disponibilizaram seu tempo para ler essa investigação e puderam avaliar este trabalho.

À minha colega de orientações, Teresa pelo suporte durante todo esse período de codificar os vídeos, analisar os dados e escrita. Obrigada pela força em todo esse processo.

À minha família de Braga, pela compreensão da ausência nos encontros, almoços e jantares dos finais de semana, em especial as minhas colegas de casa, Marina, Ana, Ninna e Lili pela paciência e apoio nos dias cheios de stress. Obrigada por ouvirem meus desabaços, mesmo sem entenderem nada do que eu estava a falar.

Aos meus amigos do Brasil que estiveram sempre a mandar boas energias e forças, mesmo com uma distância enorme entre nós.

Obrigada, Obrigada e Obrigada!

Comportamento de externalização em idade pré-escolar: Acordo interobservadores e relação com competência social.

Resumo

É exigido da criança que aprenda uma série de novos comportamentos ao entrar em contato com outros ambientes, além do ambiente familiar, principalmente na idade pré-escolar. Com isso, a criança pode apresentar comportamentos que não sejam bem adaptados ao contexto e acabam por prejudicar seu desenvolvimento social. Esta investigação longitudinal teve como foco os comportamentos de externalização de crianças em idade pré-escolar. Concretamente pretendeu-se avaliar a concordância entre as percepções materna e da educadora e a avaliação de uma investigadora, bem como a relação entre comportamentos de externalização e a competência social. Participaram no estudo cinquenta crianças, da região norte de Portugal, com idade média de 55.04 meses ($DP = 1.64$), sendo 58% do sexo masculino. Para avaliar os comportamentos de externalização foram utilizadas as versões portuguesas do Child Behavior Checklist for Ages 1 ½-5 (CBCL 1 ½-5), Caregiver Teacher Report Form for Ages 1 ½-5 (CTRF 1 ½-5) e o Sistema de Cotação de Observação de Comportamentos (BSOS). Já a competência social foi avaliada através da versão portuguesa da Escala de Competência Social e de Avaliação do Comportamento (ECSAC-30). Encontraram-se acordos significativos entre os interobservadores e associações significativas entre comportamentos de externalização e competência social.

Palavras-chave: comportamento de externalização, acordo interobservadores, competência social, idade pré-escolar.

Externalizing Behaviour in pre-school age: Agreement between informants and its relation with social competence.

Abstract

The child is required to learn several new behaviours when encountering other environments beyond his/her family, especially at preschool age. Therefore, the child can demonstrate behaviours that are not well adapted to the context and end up hampering their social development. This longitudinal research focused on the externalizing behaviours of preschool children. Specifically, it was intended to assess the agreement between maternal and preschool teacher's perceptions and the evaluation of a researcher of child's externalizing behaviours, as well as the relationship between the latter and social competence. Fifty children, from the north of Portugal, with an average age of 55.04 months ($SD = 1.64$), 58% of the male, were enrolled in the study. To evaluate externalizing behaviours the Portuguese version of the Child Behavior Checklist for Ages 1½-5 (CBCL 1½-5), Caregiver Teacher Report Form for Ages 1½-5 (CTRF 1½-5) and the Behavioural Style Observational System (BSOS) were used. For the assessment of social competence scale the Portuguese version of the Social Competence and Behavior Evaluation in Children (ECSAC-30) was used. Significant agreements were found between informants and externalizing behaviours were found to be associated with social competence.

Key-words: externalizing behavior, inter-observer agreement, social competence, preschool age.

Comportamento de Externalização em Idade Pré-escolar: Acordo Interobservadores e Relação com Competência Social.

Ao começar a conviver em ambientes além do seu meio familiar, a criança começa a ter contato com outras pessoas e a ter experiências que exigem novos comportamentos e emoções para que possa adaptar-se a esses novos contextos e as novas relações interpessoais. O jardim de infância tem um papel importante na formação da criança, uma vez que é um contexto privilegiado para o contato com outros cuidadores e pares, os quais proporcionam experiências promotoras do desenvolvimento psicossocial da criança (De Salvo, Mazzarotto & Löhr, 2005; Ivanova et al., 2010; Pizato, Marturano & Fontaine, 2014; Santos, 2011).

Durante o período pré-escolar, a criança pode apresentar determinados tipos de comportamento considerados não adequados ao ambiente que podem prejudicar o seu desenvolvimento social. Estes comportamentos são chamados de comportamentos de externalização, que seriam um conjunto de comportamentos que se manifestam de forma negativa em resposta ao ambiente externo. Esses comportamentos são normalmente visíveis como: problemas de conduta, hiperatividade com déficit de atenção e autorregulação, dificuldades de relacionamento com pares, comportamentos de oposição e desafio, enfim, que geram impactos negativos em seus pares e naqueles com quem se relaciona (Liu, 2004; Martin-Storey, Serbin, Stack & Schwartzman, 2009; Pizato, Marturano & Fontaine, 2014; Santos, 2011; Wang, Christ, Mills-Koonce, Garrett-Peters & Cox, 2013). Estudos apontam que crianças que apresentam comportamentos de externalização, a partir de um certo score, podem apresentar baixo rendimento escolar, o qual, por sua vez, pode afetar suas emoções, causar *stress* e outros fatores negativos, trazendo comportamentos de risco na adolescência e até na idade adulta (Pizato, Marturano & Fontaine, 2014; Santos, 2011; Wang et al., 2013).

Comportamentos de Externalização: Acordo Interobservadores

Pais e educadores têm um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sendo os principais observadores dos seus comportamentos diários. É muito frequente profissionais da área do desenvolvimento infantil, como psicólogos, psiquiatras e pediatras perguntarem informações a respeito de problemas no desenvolvimento emocional e comportamental da criança para que possam ter uma melhor avaliação desta (Carneiro, 2015). Porém, é muito comum destes observadores não entrarem em acordo com as suas observações, pois a criança se comporta de diferentes maneiras de acordo com o ambiente em que se encontra, além dos observadores terem

diferentes perspectivas do funcionamento adaptativo da criança, no que resulta incertezas das informações coletadas (Carneiro, 2015; Dias et al., 2017; Hinshow, Han, Erhardt & Huber, 1992). Sendo assim, é importante que esses observadores estejam de acordo para ajudar a entender determinados comportamentos da criança.

Pais e mães, supostamente, convivem no mesmo ambiente com a mesma criança, mas não significa que têm a mesma percepção a respeito dos comportamentos desta. O tempo disponibilizado para a interação com a criança não é necessariamente o mesmo, portanto, pode haver uma influência na forma em que irão perceber e reportar o comportamento desta. Essas diferenças ocorrem porque as interações parentais e o contexto em que cada um tem com a criança são únicos e percebidos de forma distinta e as mesmas tendem a comportar-se de forma diferenciada perante os pais (Borsa & Nunes, 2008).

As mães, em princípio, conviverem mais com os filhos, são mais expostas às situações em que se observam os comportamentos, logo, podem apresentar maior clareza ao relatar os comportamentos de seus filhos quando comparadas com os pais. Estudos confirmam que a concordância entre os progenitores a respeito dos comportamentos dos filhos é baixa a moderada (Borsa & Nunes, 2008). Por outro lado, investigações mostraram que existe uma elevada correlação entre informantes semelhantes, como pai e mãe, em relação aos observadores externos, como professores e educadores, ou seja, a concordância das respostas de diferentes informantes que convivem com a criança no mesmo contexto é maior daqueles que convivem em outros ambientes, como no caso, casa e escola (Borsa & Nunes, 2008; Carneiro, 2015). Ao falar de comportamentos de externalização, uma investigação realizada por Hinshow et al. (1992) apresenta que, para estes comportamentos, as observações dos professores são mais próximas das de outros observadores do que com os pais. Já os pais apresentam melhor percepção de comportamentos de internalização e os professores de comportamentos de externalização. O estudo de Stivani, Scheur e Assumpção Jr (2008 cit in Santos, 2011), na percepção dos pais, as crianças apresentam altos níveis de problemas de internalização e externalização em relação a percepção dos educadores e isso justifica-se quando os educadores têm outros modelos de comparação ao ter contato com outras crianças. Sendo assim, alguns problemas de comportamento que os pais avaliaram como comportamentos de externalização, por serem mais frequentes entre as crianças em idade pré-escolar, são avaliados pelos educadores como comportamentos comuns.

Quanto mais precoce a identificação de problemas de comportamento, maior a probabilidade de evitar problemas de delinquência juvenil, pois altos níveis de comportamentos de

externalização podem estar relacionados a dificuldades de adaptação precoce, o que pode predizer uma trajetória de adaptação desfavorável (De Salvo, Mazzarotto & Löhr, 2005; Liu, 2004; Pizato, Marturano & Fontaine, 2014).

Comportamentos de Externalização: Relação com Competência Social

A competência social é considerada uma tarefa desenvolvimental da idade pré-escolar e escolar, que contribuirá para a aprendizagem escolar e para a aceitação das crianças nos grupos de pares (Pizato, Marturano, & Fontaine, 2014). É na idade pré-escolar que a criança está inserida no ambiente em que possa começar a desenvolver e aprender as competências que são importantes para a sua adaptação e a viver de forma harmoniosa em novos contextos (Dagal, 2017). Entende-se por competência social como um conjunto de comportamentos sociais aprendidos e utilizados para o sucesso da interação social. São comportamentos ajustáveis e flexíveis que geram um padrão pró-social (Pizato, Marturano & Fontaine, 2014; Ribeiro, 2007). Com o desenvolvimento das competências sociais, a criança é capaz de expressar seus sentimentos de forma construtiva e positiva, de controlar suas emoções e de resolver com mais facilidade seus problemas (Pizato, Marturano & Fontaine, 2014; Santos, 2011).

Estudos apresentados por Ribeiro (2011) relatam que crianças vistas com maior repertório de comportamentos pró-sociais, ou seja, de competências sociais, são vistas como mais adaptadas, envolvidas e aceites socialmente. Por outro lado, crianças com menos competências foram avaliadas como desafiantes, agressivas e coesivas, além de serem vistas como emocionalmente negativas. Outra investigação apresentada por Bolsoni-Silva e Loureiro (2016) indica que crianças com idade pré-escolar e em idade escolar, sem problemas de comportamento, apresentam mais competências sociais nos seus repertórios comportamentais do que aquelas que apresentam comportamentos inadequados. Sendo assim, percebe-se a importância de avaliar os comportamentos de externalização da criança para poder desenvolver competências sociais durante o período pré-escolar e escolar.

A presente investigação tem como foco os comportamentos de externalização, pretendendo responder a duas questões:

(1) Há concordância entre a percepção materna, a avaliação de uma investigadora e a percepção da educadora ao nível dos comportamentos de externalização de crianças em idade pré-escolar?

(2) Qual a relação entre comportamentos de externalização e competência social?

Método

Participantes

Cinquenta crianças em idade pré-escolar ($M_{idade} = 55.04$ meses, $DP = 1.64$), 29 do sexo masculino (58.0%), suas mães e educadoras, participaram no presente estudo longitudinal, integrando dois momentos de avaliação – aos quatro anos e meio de idade das crianças e quatro meses antes da sua entrada na escola (ver Tabela 1 para medidas sociodemográficas). A maioria das crianças tinha irmãos à data do recrutamento ($n = 33$, 66.0%). A idade das mães variou entre os 26 e 46 anos ($M = 36,70$ anos, $DP = 3.55$) e 68% tinham licenciatura e/ou pós-graduação. A amostra foi recrutada em de instituições públicas e privadas de ensino pré-escolar, da zona do Grande Porto.

Tabela 1

Informações Sociodemográficas dos Participantes.

	<i>N (%)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Min-Máx</i>
Criança			
Sexo			
Masculino	29 (58)		
1º momento da avaliação (4 ½ anos)			
Idade (meses)		55.04 (1.64)	53-60
Tem irmãos			
Sim	33 (66)		
2º momento da avaliação (4 meses antes da entrada na escola)			
Idade (meses)		69.70 (2.91)	63-76
Tem irmãos			
Sim	37 (74)		
Mãe			
Educação			
9º ano completo	1 (2)		
12º ano completo	4 (8)		
Licenciatura ou Pós-graduação	34 (68)		
MBA/Mestrado/Doutoramento	11 (22)		
1º momento da avaliação (4 ½ anos)			
Idade (anos)		36.70 (3.55)	26-46
2º momento da avaliação (4 meses antes de entrar na escola)			
Idade (anos) 2º momento		37.78 (3.81)	27-47

Instrumentos

Primeiro momento de avaliação – 4 ½ anos

Dados Sociodemográficos.

Para a recolha dos dados sociodemográficos, utilizou-se uma ficha elaborada pela equipa de investigação que permitiu aceder a dados acerca de informações pessoais dos participantes, tais como sexo e idade da criança e idade, nível de escolaridade da mãe e a presença de irmãos por parte da criança.

Perceção Materna dos Comportamentos de Externalização da criança.

A perceção materna dos comportamentos de externalização da criança foi avaliada através do *Questionário de Comportamentos da Criança*, versão portuguesa da *Child Behavior Checklist for Ages 1 ½-5 (CBCL 1 ½ - 5)* de Achenbach e Rescorla (2000), validada por Gonçalves, Dias e Machado (2009), cujo objetivo é o de avaliar a perceção dos pais em relação ao comportamento, emoções e problemas sociais da criança. A CBCL 1 ½ - 5 é composta por uma lista de afirmações (100 itens) e apresenta um índice global (Total de Problemas; $\alpha = .92$) em escalas de primeira e segunda ordem. As escalas de primeira ordem são orientadas pelo *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5* (Problemas Depressivos, Problemas de Ansiedade, Problemas do Espectro do Autismo, Problemas de Défice de Atenção/Hiperatividade e Problemas de Oposição) e as escalas de segunda ordem referem-se à Internalização e Externalização. As escalas empiricamente validadas são: Reatividade Emocional (9 itens), Ansiedade e Depressão (8 itens), Queixas Somáticas (11 itens), Isolamento (8 itens), Perturbações de Sono (7 itens), Problemas de Atenção (5 itens) e Comportamentos Agressivos (19 itens). O score da escala de Comportamentos de Externalização ($\alpha = .87$) é calculada a partir dos scores das escalas de Problemas de Atenção e Comportamento Agressivo. Por sua vez, a escala de Comportamentos de Internalização ($\alpha = .81$) é calculada a partir dos scores das escalas de Reatividade Emocional, Ansiedade e Depressão, Queixa Somáticas e Isolamento. A escala de Problemas de Sono não se enquadra em nenhuma escala de segunda ordem. Os itens são avaliados numa escala de *Likert* de três pontos, que varia entre “não é verdadeira” (0), “de alguma forma ou algumas vezes verdadeira” (1) e “muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira” (2) (Dias et al., 2017; Ivanova et al., 2010; Rescorla et al., 2011).

A versão portuguesa apresenta, como ponto de corte para o CBCL 1 ½-5, os valores de 21 (inclusive) para níveis borderline e 25 (inclusive) para níveis clínicos. Os valores de alfa de Cronbach

encontram-se de acordo com o descrito internacionalmente, assim como do CTRF 1 ½ -5 (Dias et al., 2017). Na presente investigação, utilizou-se apenas a escala de segunda ordem de Comportamentos de Externalização.

Avaliação dos Comportamentos de Externalização da criança pela investigadora.

A análise dos comportamentos de externalização das crianças foi realizada através de vídeos gravados de uma atividade com blocos de diferentes cores, tamanhos e formatos entre a criança e a mãe. Para tal, utilizou-se o *Sistema de Cotação de Observação de Comportamentos (BSOS)* (Karp, 1999). Este sistema tem como objetivo avaliar comportamentos da criança em interação com a mãe durante três diferentes momentos: (a) brincar livremente com objetos pré-selecionados, quando a mãe é solicitada que brinque com a criança como se estivesse em casa (quatro minutos); (b) quando há interferência, no momento em que a mãe é solicitada para responder um questionário e não apresenta a devida atenção a criança (três minutos); e (c) brincar livremente, sem nenhuma orientação da tarefa (quatro minutos). Em cada momento é realizada a codificação de cinco dimensões numa escala de *Likert* de 3 pontos: Humor (negativo para positivo; $M = 1.9$; $DP = .36$), Nível de atividade (baixo para alto; $M = 1.5$; $DP = .49$), Reatividade Vocal (não reativo para reatividade negativa; $M = 1.17$; $DP = .35$), Abordagem aos Brinquedos (baixo para alto; $M = 1.55$; $DP = .45$), Consistência de Humor (consistente para inconsistente; $M = 1.31$; $DP = .45$). Há uma sexta dimensão - Adaptabilidade (baixa para alta; $M = 1.30$; $DP = .52$) - que é codificada apenas durante o momento de interferência da tarefa (Karp, Serbin, Starck & Schwartzman, 2004; Martin-Storey, Serbin, Stark & Schwartzman, 2009).

Tendo em consideração o tipo da tarefa desta investigação, A BSOS foi utilizada durante uma tarefa de interação livre entre a criança e a mãe, durante a qual foi fornecido à diade um conjunto de blocos de diferentes cores, tamanhos e formatos para que, sem tempo limite, construíssem o que entendessem.

Acordo Interobservadores.

Trinta por cento dos vídeos foram analisados por duas observadoras previamente treinadas no *Sistema de Cotação de Observação de Comportamentos (BSOS)* para efeitos de avaliação do acordo interobservadores (ver Tabela 2).

Tabela 2

Valores da Porcentagem e do Kappa de Cohen do Acordo dos Interobservadores

	% de acordo	<i>Kappa</i>
Humor	66.67	.000
Nível de atividade	60.00	.250
Reatividade vocal	66.67	.348
Abordagem aos brinquedos	86.67	.722
Consistência de humor	86.67	.000
Adaptabilidade	40.00	-.017

Os valores das percentagens de acordo e do *Kappa* de Cohen encontrados não foram satisfatórios, pelo que se optou por rever todos os vídeos em conjunto, para que as divergências fossem resolvidas e a cotação final das seis dimensões fosse resolvida por consenso.

Segundo momento de avaliação – 4 meses antes da entrada na escola**Perceção da Educadora dos Comportamentos de Externalização da criança.**

Para avaliar a perceção da educadora dos comportamentos de externalização da criança, utilizou-se o *Questionário de Comportamentos da Criança: Versão para Educadores, Cuidadores e Auxiliares Educativos (C-TRF 1 ½ - 5; Achenbach, 1997, versão portuguesa de Gonçalves, Dias e Machado, 2009)* cujo objetivo é avaliar a perceção dos educadores relativamente aos comportamentos, emoções e problemas sociais das crianças. Assim como o CBCL 1 ½-5, o C-TRF 1 ½-5 é composto por uma série de afirmações (100 itens) e apresenta um índice global (Total de Problemas; $\alpha = .95$) em escalas de primeira e segunda ordem. Diferente do CBCL 1 ½ -5, as escalas empiricamente validadas são: Reatividade Emocional (7 itens), Ansiedade e Depressão (8 itens), Queixas Somáticas (7 itens), Isolamento (10 itens), Problemas de Atenção (9 itens) e Comportamentos Agressivos (25 itens). O score da escala de Comportamentos de Externalização ($\alpha = .94$) é calculada a partir dos scores das escalas de Problemas de Atenção e Comportamento Agressivo e o score da escala de Comportamentos de Internalização ($\alpha = .84$) é calculada a partir dos scores das escalas de Reatividade Emocional, Ansiedade e Depressão, Queixa Somáticas e Isolamento, assim como a CBCL 1 ½ - 5. As dimensões são avaliadas numa escala de *Likert* de três pontos, variando entre “não é verdadeira” (0), “de alguma forma ou algumas vezes verdadeira” (1) e “muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira” (2). (Dias et al., 2017; Ivanova, et al, 2010; Rescorla et al, 2011).

Para o C-TRF 1 ½-5, os pontos de cortes encontram-se diferentes para meninos e meninas, sendo 21 (inclusive) para níveis borderline e 29 (inclusive) para níveis clínicos em meninos e 17 (inclusive) para níveis borderline e 23 (inclusive) para níveis clínico em meninas. Assim como no CBCL 1 ½-5, utilizou-se somente a escala de segunda ordem de externalização para a análise dos resultados.

Percepção da Educadora da Competência Social da criança.

Para avaliar a competência social da criança, utilizou-se a *Escala de Competência Social e de Avaliação do Comportamento (ECSAC-30*; Santos e Verissimo, 2008), versão portuguesa da *Social Competence and Behavior Evaluation in Children* (LaFreniere & Dumas, 1996).

A versão original tem como objetivo avaliar padrões de competência social, adaptação positiva e da regulação e expressão emocional da criança nas suas relações com professores e pares, através de três dimensões: Competência Social, sendo comportamentos que indicam auto regulação, flexibilidade e maturidade emocional; Agressividade, referentes a comportamentos equivalentes aos comportamentos de externalização, como agressividade e comportamentos desafiantes; e Ansiedade/Isolamento, referentes a comportamentos similares aos comportamentos de internalização e problemas afetivos (LaFreniere & Dumas, 1996; Ribeiro, 2011). As três escalas na versão original apresentam alto coeficiente de Cronbach a variar entre .80 e .92 (LaFreniere & Dumas, 1996). A versão portuguesa, assim como a original, avalia as mesmas três dimensões e é composta por 30 itens, sendo 10 itens para cada dimensão, em uma escala *Likert*, de seis valores, relativos a frequência da ocorrência dos comportamentos listados, sendo “nunca ocorre” (1), “algumas vezes (2 ou 3), “com frequência” (4 ou 5) e “sempre” (6). Há ainda a opção de “não posso avaliar” (N). Na adaptação portuguesa, a escala de Competência Social apresentou uma Média de 1.86 ($DP= 0.55$; $\alpha = 0.73$), a escala de Agressividade, por sua vez, apresentou uma Média de 2.25 ($DP= 0.59$; $\alpha = 0.75$) e por fim, a escala de Ansiedade/Isolamento, apresentou uma Média de 3.88 ($DP= 0.71$; $\alpha = 0.73$) (Ribeiro, 2011).

Procedimento

Aos 4 ½ anos, primeiro momento de avaliação, as crianças foram observadas em contexto laboratorial. Antes do início da atividade, foi apresentada uma Declaração de Consentimento

Informado à mãe com os objetivos da investigação e solicitada a autorização para filmagem da atividade, bem como informação de que poderiam desistir de participar da investigação a qualquer momento. A observação teve início com a Tarefa dos Blocos, para a qual foi solicitado à criança e mãe que montassem algo que desejassem, em conjunto, sem tempo limite. Essa atividade foi filmada para posteriormente ser utilizada para a avaliação da investigadora. Após a atividade, foi solicitado a mãe que preenchesse o CBCL 1 ½ - 5 e a ficha de dados sociodemográficos.

Quatro meses antes da entrada da criança na escola, segundo momento de avaliação, os instrumentos foram respondidos pelas educadoras das crianças participantes.

Resultados

Para realizar a análise dos resultados, utilizou-se o programa estatístico IBM®SPSS, versão 24.0. Realizou-se uma prévia análise exploratória de dados e quando os pressupostos não foram cumpridos, foram realizados testes paramétricos e não paramétricos equivalentes adequados para as questões desta investigação e a tomada de decisão estatística deu-se através da concordância entre ambas as análises (Martins, 2011).

A média da população estudada encontra-se nos níveis de perfis normativos de comportamentos de externalização, tanto ao nível da perceção materna, $M = 11.35$, $DP = 6.61$, como da perceção da educadora, $M = 2.95$, $DP = 4.24$. Além disso, percebe-se baixos níveis de agressividade, $M = 1.21$, $DP = .28$ e ansiedade/isolamento, $M = 1.31$, $DP = .40$, nesta amostra, e bom nível de competência social, $M = 4.52$, $DP = 1.06$ (ver Tabela 3).

Tabela 3

Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

		<i>N</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Med (IQR)</i>	<i>Min-Max</i>
	Externalização				
	Percepção Materna (CBCL)	49	11.35 (6.61)	-	0-26
	Avaliação da Investigadora (BSOS)				
4 ½ anos	Humor	50	-	2.00 (1.00)	-
	Nível de Atividade	50	-	3.00 (1.00)	-
	Reatividade Vocal	50	-	1.00 (1.00)	-
	Abordagem aos Brinquedos	50	-	3.00 (1.00)	-
	Consistência de Humor	50	-	3.00 (0.00)	-
	Adaptabilidade	50	-	3.00 (1.00)	-
	Externalização				
	Percepção da Educadora (CTRF)	48	2.95 (4.24)	-	0-17
4 meses antes de entrar na escola	Competência Social				
	Agressividade (ECSAC)	48	1.21 (.28)	-	1-2.3
	Ansiedade/Isolamento (ECSAC)	48	1.31 (.40)	-	1-2.8
	Competência Social (ECSAC)	48	4.52 (1.06)	-	1.4-6

Comportamentos de Externalização: Concordância Interobservadores

Aos 4 ½ anos de idade, foi encontrada uma correlação positiva significativa entre a percepção materna dos comportamentos de externalização e a avaliação da investigadora na dimensão consistência de humor, $r_s = .30$, $p = .039$. Adicionalmente, foi encontrada uma correlação positiva significativa entre a percepção materna e a percepção da educadora, $r = .63$, $p < .001$. Entre a percepção da educadora e a avaliação da investigadora não foram encontradas correlações significativas (ver Tabela 4).

Tabela 4

Concordância entre Percepções Materna, da Educadora e Avaliação da Investigadora dos Comportamentos de Externalização.

	Comportamento de externalização						
	Percepção da Educadora ^a	Avaliação da Investigadora ^b					
		Humor	Nível de Atividade	Reatividade Vocal	Abordagem aos Brinquedos	Consistência de Humor	Adaptabilidade
Percepção Materna 4 ½ anos	.627**	.109	-.148	.135	-.104	.299*	.220
Percepção da Educadora 4 meses antes de entrar na escola	-	.045	-.145	-.070	-.172	.002	.210

Note. ^aCorrelação de Pearson; ^bCorrelação de Spearman;

* $p < .05$; ** $p < .01$.

Comportamentos de Externalização: Associação com Variáveis Sociodemográficas

Não foram encontrados resultados significativos entre a percepção materna e da educadora ao nível de comportamentos de externalização e dados sociodemográficos da amostra (Tabela 5).

No entanto, encontrou-se uma associação significativa entre a idade da criança e a consistência de humor avaliada pela investigadora, $r_s = -.33$, $p = .022$. Menor idade está associada a mais alterações de humor.

Tabela 5

Associação entre Comportamentos de Externalização e Variáveis Sociodemográficas.

	Comportamento de externalização							
	Percepção Materna 4 ½ anos	Percepção da Educadora 4 meses antes de entrar na escola	Avaliação da Investigadora 4 ½ anos					
			Humor	Nível de Atividade	Reatividade Vocal	Abordagem aos Brinquedos	Consistência de Humor	Adaptabilidade
Sexo	.043 ^a	-.165 ^a	.495 ^d	.278 ^d	3.178 ^d	1.213 ^d	2.051 ^d	.006 ^d
Idade (meses)	-.209 ^b	-.082 ^b	.029 ^c	.006 ^c	-.157 ^c	.092 ^c	-.326 ^{*c}	.132 ^c
Escolaridade materna	-.171 ^c	-.033 ^c	.162 ^c	-.008 ^c	-.096 ^c	-.008 ^c	.199 ^c	.092 ^c
Tem irmãos	.246 ^a	.189 ^a	.124 ^d	.480 ^d	.110 ^d	.009 ^d	2.360 ^d	2.678 ^d

Note. ^aCorrelação Ponto-Bisserial; ^bCorrelação Pearson; ^cCorrelação Spearman; ^dTeste de Qui-Quadrado

* $p < .05$.

Competência Social

De modo a responder o segundo objetivo desta investigação realizaram-se testes de associação entre as variáveis de competência social, agressividade e ansiedade/isolamento com medidas sociodemográficas e com os dados das perceções materna e da educadora e da avaliação da investigadora referentes ao comportamento de externalização.

Competência social e medidas sociodemográficas.

Foram encontradas associações significativas com a perceção da educadora da competência social e o fato da criança ter irmãos, $r_{pb} = -.33$, $p = .023$, scores baixos ao nível da competência social estão associados à existência de irmãos.

A escala de agressividade apareceu positivamente correlacionada a idade da criança, $r = .27$ $p = .024$, ou seja, scores acima de agressividade estão associados a mais idade. Já a escala da ansiedade/isolamento há uma associação significativa com o sexo da criança, $r_{pb} = .49$, $p < .001$, sendo que, maior ansiedade/isolamento está associada as meninas (ver Tabela 6).

Tabela 6

Associação entre as Variáveis Sociodemográficas e as Subescalas de Competência Social, Agressividade e Ansiedade/Isolamento.

	Competência Social	Agressividade	Ansiedade/ Isolamento
Sexo ^a	.098	-.156	.488**
Idade (meses) ^b	.007	.268*	-.114
Há irmãos ^a	-.328*	.136	-.077

Note. ^aCorrelação Ponto-Bisserial: 0=Masculino, 1=Feminino; ^bCorrelação de Pearson;

* $p < .05$; ** $p < .01$.

Comportamentos de externalização: Relação com a competência social

Foram encontradas associações significativas entre competência social e comportamentos de externalização na percepção da educadora avaliados no mesmo momento temporal, $r = -.31$, $p = .030$. Por outro lado, emergiram associações significativas entre a avaliação da observadora ao nível da reatividade vocal, e adaptabilidade e a competência social, $r_s = .31$, $p = .031$ e $r_s = -.34$, $p = .019$, respectivamente. Não foram encontradas associações significativas com a percepção materna de comportamentos de externalização e competência social (ver Tabela 7).

Tabela 7

Associação entre Comportamentos de Externalização e Competência Social a partir das Percepções Materna, da Educadora e da Avaliação da Investigadora.

	Comportamento de Externalização							
	Percepção Materna ^a 4 ½ anos	Percepção da Educadora ^a 4 meses antes de entrar na escola	Avaliação Investigadora ^b 4 ½ anos					Adaptabilidade
			Humor	Nível de Atividade	Reatividade Vocal	Abordagem aos Brinquedos	Consistência de Humor	
Competência Social	-.193	-.314*	-.057	-.054	.311*	.160	.157	-.344*
Agressividade	.467**	.761**	.031	.139	-.266	-.085	-.103	.112
Ansiedade/Isolação	-.196	-.160	-.063	-.170	.245	-.157	.222	-.024

Note. ^aCorrelação de Pearson; ^bCorrelação de Spearman;

* $p < .05$; ** $p < .01$.

Com o objetivo de identificar os preditores da competência social, realizou-se uma regressão linear múltipla hierárquica usando como variáveis independentes aquelas que apresentaram associações significativas com a competência social. Os resultados apresentados na análise de regressão (ver Tabela 8) mostram que o fato da criança ter irmãos explica 7,2% da variância, $F(1,44) = 3.44$, $p = .070$, sendo que a ausência de irmãos é um preditor marginalmente significativo de melhor competência social, $\beta = -.27$, $t = -1.85$, $p = .070$. No segundo bloco, o fato da criança apresentar irmãos e apresentar os comportamentos de reatividade vocal e adaptabilidade, na avaliação da investigadora, explica 18% da variância, $F(3,4) = 3.11$, $p = .036$, porém não foram

encontrados resultados significativos ao nível dos três preditores individuais. O modelo final com os quatro preditores explica 25,4% da variância $F(4,41) = 3.49$, $p = .015$, sendo que, na percepção da educadora, o comportamento de externalização apresenta ser um preditor marginalmente significativo para níveis baixos de competência social, $\beta = -.27$, $t = -1.99$, $p = .053$.

Tabela 8

Predição de Competência Social com Variáveis de Presença de Irmãos e Comportamentos de Externalização.

	Competência Social			
	R ² (R ² Aj.)	Modelos	β	t
Irmãos	.072 (.051)	F(1,44)=3.44 [†]	-.27	-1.85 [†]
Irmãos	.18 (.12)	F(3,42)=3.11 [†]	-.18	-1.20
Reatividade Vocal			.22	1.48
Adaptabilidade			-.20	-1.30
Irmãos	.25 (.18)	F(4,41,45)=3.49 [*]	-.13	-.87
Reatividade Vocal			.23	1.59
Adaptabilidade			-.19	-1.29
Percepção Educadora			-.27	-1.99 [†]

Note. * $p < .05$; † $p < .10$.

Discussão

No presente estudo, pretendia-se verificar qual o acordo entre a percepção materna e de observadores externos à família em relação a comportamentos de externalização da criança. Ao utilizar uma amostra que apresenta níveis normativos e baixos scores de comportamento de externalização, os resultados apresentados mostram que não houve uma concordância significativa entre os observadores externos, como a educadora e a investigadora e sim, uma concordância significativa entre as percepções materna e da educadora, indo supostamente contra investigações anteriores que apresentam que as observações dos comportamentos de externalização dos educadores são mais próximas a de outros observadores do que com os próprios pais da criança (Borsa & Nunes, 2008; Carneiro, 2015; Hinshow et al., 1992).

O fato de ter resultado uma concordância significativa entre as percepções materna e da educadora está de acordo com a literatura que evidencia associações positivas significativas entre estas percepções em amostras normativas (Dias et al., 2017). Isto mostra que, ambas estão a contribuir para dados importantes em diferentes aspectos e contextos da criança (Carneiro, 2015; Dias et al., 2017; Hinshaw et al., 1992; Nogueira, 2013). Portanto, com esses resultados, a percepção em diferentes contextos da criança pode ajudar a elaborar uma melhor avaliação desta, além de criar facilidades nas conversas entre pais e educadores a respeito de intervenções com a criança, caso seja necessário.

A percepção materna e a avaliação da investigadora apresentou somente uma concordância significativa no fator da consistência de humor, assim como houve uma associação significativa com a idade da criança e a consistência de humor, sendo que menor idade está associada a mais alterações de humor. A alteração de humor é um comportamento que pode ser facilmente observável, principalmente nas expressões faciais de um sujeito. Portanto, com a concordância entre as avaliações materna e da investigadora, realizadas no mesmo período temporal, entende-se que ambas conseguem identificar quando uma criança se encontra com humor positivo ou negativo. Além disso, em relação da idade da criança, crianças mais novas ainda estão no processo de aprendizagem de novas competências que podem ser relacionadas a consistência de humor, como saber diferenciar o humor positivo do negativo e ter a consciência do momento em que apresentamos (Guerreiro José, 2012; Santos, 2015).

A ausência de concordância interobservadores apresentadas entre educadora e investigadora podem-se justificar pelo fato das avaliações terem sido realizadas em momentos diferentes, utilizando instrumentos diferentes. Mãe e educadora passam mais tempo com as crianças e são uma das principais referências destas, além disso, a investigadora teve a oportunidade de observar a criança diretamente no momento da sua interação com a mãe e no caso, tanto a mãe como a educadora responderam os instrumentos sem acesso a essas observações diretas. Achenbach (1987, cit in Berg-Nielsen, Solheim, Belsky & Wichstrom, 2012) afirma que não necessariamente a discrepância entre as avaliações dos interobservadores representa um desacordo entre as partes, isso quer dizer que as situações específicas, como o contexto podem influenciar os resultados. Consequentemente, a discrepância entre informantes pode estar relacionada com a forma como os observadores interagem com essa criança dentro do

seu contexto ou então as escalas utilizadas podem não terem sido as mais adequadas para esse tipo de investigação (Carneiro, 2015; Nogueira, 2013).

Os instrumentos utilizados também foram distintos e podem ter influenciado os resultados dessa investigação, pois tinham metodologias diferentes, porém, avaliavam dimensões semelhantes. O BSOS por exemplo, apresenta poucos exemplos de comportamentos de externalização, que não necessariamente representa o repertório de comportamentos da criança (Karp et al., 2004). Além disso, obtiveram muitas dúvidas e incertezas em relação a determinados comportamentos das crianças e da interação com a mãe, que nos questiona se o treino dos observadores foi suficiente para este sistema de codificação. Talvez o ideal seria desenvolver uma outra escala de observação que seja baseada em *checklists* de comportamentos de forma a ter mais exemplos de comportamentos a serem observados que ajudem na melhor avaliação do repertório de comportamentos da criança.

Outro ponto a refletir, seria a utilização da tarefa dos blocos nesta investigação. A atividade escolhida para a realização da interação entre mãe-criança não proporcionou oportunidades e momentos para que as crianças pudessem expressar todos os comportamentos que possam ser cotados no BSOS, como frustrações e oscilações de humor negativo. A atividade trazia sensação de prazer, por ser uma atividade dinâmica e, por isso, muitas crianças não apresentaram humor negativo, por exemplo. O ideal seria ter utilizado uma atividade em que a criança pudesse ter a oportunidade de vivenciar sentimentos e ter comportamentos diversificados.

A segunda questão a ser respondida pela presente investigação é referente à associação entre comportamentos de externalização e competências sociais. Os resultados encontrados, principalmente no que toca à percepção da educadora, vão de acordo à literatura, que defende que melhores competências sociais estão associados a menos comportamentos de externalização e a mais comportamentos positivos (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2016; Hinshaw et al., 1992; Ribeiro, 2011; Santos, 2011). Apesar da competência social poder ser desenvolvida noutros contextos, a professora/educadora passa grande parte do tempo com esta e é capaz de avaliar tanto a competência social quanto o comportamento de externalização diretamente nas relações entre a criança e outros indivíduos presentes na instituição escolar (pares, outros educadores e colaboradores). Se elas forem capazes de desenvolver boas relações, provavelmente terão relações bem-sucedidas em todo o seu percurso escolar, em vista disso, há uma relevância de avaliar o comportamento de externalização e a competência social em crianças, principalmente no contexto

pré-escolar, (Bandon, Calkings & Keane, 2010; Heyman, Poulakos, Upshur & Wenz-Gross, 2018; Pizato et al., 2014, Ribeiro, 2011).

Os comportamentos de reatividade vocal e adaptabilidade avaliados pela investigadora no primeiro momento de avaliação também apresentaram associações significativas com a competência social avaliada pela educadora, já no segundo momento. Os resultados apresentados indicam que crianças, durante uma atividade de interação, que não apresentam comportamentos que indicam frustração, como birras, gritos e choros, e que conseguem controlar-se sozinhas, evidenciam, mais tarde, maior competência social. Apesar de ocorrerem momentos na interação com o outro que ela não esteja satisfeita, a criança que apresenta maior competência social, tende a não apresentar dificuldades de autocontrolo e expressividade emocional negativa (Casali-Robalinho, Del Prette & Del Prette, 2015; Ribeiro, 2011).

Não foram encontradas associações significativas entre competência social e o sexo da criança, como normalmente a literatura apresenta, assim como entre o sexo e agressividade (Ribeiro, 2011). Porém, encontrou-se entre sexo e ansiedade, sendo que comportamentos de ansiedade e isolamento estão associados as meninas. Assim como, em outras investigações, a ansiedade e o isolamento que são características dos comportamentos de internalização, são esperadas mais nas meninas do que nos meninos, que, por sua vez, são esperados mais comportamentos de externalização (Bolsoni-Silva, Levatti, Guildugli & Marin, 2015; Bolsoni-Silva, Loureiro & Marturano, 2016; Heyman et al., 2018). Esse resultado pode ser justificado pelos contextos de formação em que as meninas estão inseridas. Muitas vezes elas são vistas como delicadas e vivenciam uma superproteção dos pais em casa e desenvolvem então, mecanismos de defesa mais introvertidos, sendo que, com o desenvolvimento positivo de competências sociais há uma proteção nas crianças contra transtornos de ansiedade (Bolsoni-Silva et al., 2016).

Associações significativas entre a idade da criança e comportamentos agressivos foram encontradas nessa investigação. Assim, o comportamento de agressividade está associado a crianças que apresentam mais idade. À medida que ficam mais velhas, as crianças tornam-se capazes de relacionarem noutros contextos mais complexos que ao mesmo tempo tornam-se mais desafiante para a sua adaptação social (Torres, Santos & Santos, 2008) e por não conseguir lidar com os desafios apresentados destes contextos, estas podem apresentar comportamentos agressivos como forma de adaptação à essas novas relações. Portanto, entende-se que quanto mais velhas, mais relações entre pares e mais necessidades de aprender a relacionar-se. Mas, para isso,

cabe ao educador e aos pais a identificarem as dificuldades de adaptação da criança, para assim promoverem o desenvolvimento de novas competências sociais destas.

Os resultados dessa investigação podem ajudar a ampliar a literatura a respeito de acordo interobservadores ao nível dos comportamentos de externalização e sua relação com a competência sociais de crianças em idade pré-escolar. A associação significativa negativa encontrada entre a presença de irmãos e a presença de competência social dessa amostra foi surpreendente. Isto quer dizer que, a apresentação de bons níveis de competência social está associada à ausência de irmãos. Este resultado contraria à literatura que defende que a relação entre irmãos é um grande laboratório natural para o desenvolvimento de novas competências e comportamentos, pois é um espaço seguro em que a criança pode testar e expressar comportamentos sem o risco de perder o relacionamento, logo, a relação entre irmãos pode influenciar a relação da criança com outras pessoas externas à família, como colegas e educadores (Howe & Recchia, 2014). Os resultados apresentados podem ser justificados por fatores como o tipo de relação entre os irmãos (conflituosas ou não), as diferenças de idade (mais velhos ou mais novos), os níveis de desenvolvimento individuais (normativos ou não normativos), diferenças culturais e principalmente das práticas parentais e da interação destes com a criança. (Howe & Recchia, 2014; Nievar, Moske, Johnson & Chen, 2014).

A predição da competência social revelou que esta pode ser explicada pela ausência de irmãos e baixos níveis comportamentos de externalização. Sendo que, destes comportamentos, a ausência de irmãos e os comportamentos de externalização percebidos pela educadora dependem de alguns fatores, como a relação familiar e escolar da criança com esses agentes (Nievar et al., 2014; Santos, 2011). No entanto, não se pode concluir que possa haver uma predição temporal a respeito das competências sociais e comportamentos de externalização, pois, não houve nenhum resultado significativo entre a avaliação da investigadora – realizada aos 4 ½ anos – e a competência sociais – realizada alguns meses depois.

Portanto, com essa investigação, percebe-se que é importante que pais e professores busquem estar sempre de acordo com os comportamentos apresentados pela criança para que ambos consigam elaborar estratégias e práticas que ajudem a criança a adaptar-se positivamente a várias situações e contextos de vida. Percebe-se ainda que há uma importância do desenvolvimento de competências sociais na idade pré-escolar para que a criança aprenda a relacionar-se de maneira positiva com outras pessoas e que alguns fatores podem perturbar esse desenvolvimento.

Apesar desta investigação só ter referido aos dados maternos, para próximas investigações, seria interessante avaliar a concordância entre a percepção paterna e outros observadores, pois os pais também fazem parte do processo de desenvolvimento dos seus filhos. Outra sugestão seria investigar as associações entre as práticas parentais, comportamentos de externalização e competências sociais, isso porque as práticas parentais são importantes para a aprendizagem de novos comportamentos sociais da criança.

Referências

- Berg-Nielsen, T. S., Solheim, E., Belsky, J., & Wichstrom, L. (2012). Preschoolers' psychosocial problems: In the eyes of the beholder? Adding teacher characteristics as determinants of discrepant parent-teacher reports. *Child Psychiatry Human Development*, *43*, 393-413. doi: 10.1007/s10578-011-0271-0
- Blandon, A. Y., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2010). Predicting emotional and social competence during early childhood from toddler risk and maternal behavior. *Development and Psychopathology*, *22*(1), 119-132. doi: <http://dx.doi.org/10.1017/S0954579409990307>
- Bolsoni-Silva, A. T., Levatti, G. E., Guidugli, P. M., & Marin, V. C. M. (2015). Problemas de comportamento, em ambiente familiar em escolares e pré-escolares diferenciados pelo sexo. *Revista Interamericana de Psicologia*, *49*(3), 354-364. Retrieved from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28446020007>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2016). Simultaneous assessment of social skills and behavior problems: Education and gender. *Estudos de Psicologia*, *33*(3), 453-464. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000300009>
- Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., & Marturano, E. M. (2016). Comportamentos internalizantes: Associações com habilidades sociais, práticas educativas, recursos do ambiente familiar e depressão materna. *Psico*, *47*(2), 111-120. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/19808623.2016.2.20806>
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2008). Concordância parental sobre problemas de comportamento infantil através da CBCL. *Paidéia*, *18*(40), 317-330. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000200009>
- Carneiro, A. M. P., (2015) *Emotional and Behavioral Problems in Preschoolers: Risk factors and Assessment Issues*. (Doctoral dissertation) Retrieved from: <http://hdl.handle.net/1822/41534>.
- Casali-Robalinho, I. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2015). Habilidades sociais como preditora de problemas de comportamento em escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *31*(3), 321-330. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032110321330>
- Dagal, A. B. (2017). Investigation of the relationship between communication skills, social competence and emotion regulation skills of preschool children in Turkey. *Educational Research and Reviews*, *12*(4), 164-171. doi: <https://doi.org/10.5897/eer2017.3139>

- De Salvo, C. G., Mazzarotto, I. H. K., & Löhr, S. S. (2005). Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. *Revista Brasileira de Desenvolvimento e Crescimento Humano*, *15*(1), 46-55. Retrieved from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822005000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Dias, P., Lima, V. S., Machado, B. C., Campos, J., & Carneiro, A. (2017). Bateria ASEBA para os períodos pré-escolar e escolar. In M. Gonçalves, M. Simões, & L. S. Almeida (Eds.). *Psicologia Clínica e da Saúde: Instrumentos de Avaliação* (pp.3-28). Lisboa: PACTOR.
- Field, A. (2009). *Descobrendo a Estatística usando o SPSS*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Guerreiro José, H. M. (2012). Humor: A holistic care and a promoting children's health. *Journal of Nursing*, *6*(10), 2551-2555. doi: <https://doi.org/10.5205/reuol.3111-24934-1-LE.0610201230>
- Heyman, M., Poulakos, A., Upshur, C., & Wenz-Gross, M. (2018). Discrepancies in parent and teacher ratings of low-income preschooler's social skills. *Early Child Development and Care*, *188*(6), 759-773. doi: <https://doi.org/10.1080/03004430.2016.1236257>
- Hinshaw, S. P., Han, S. S., Erhardt, D., & Huber, A. (1992). Internalizing and externalizing behavior problems in preschool children: Correspondence among parent and teacher ratings and behavior observations. *Journal of clinical child psychology*, *21*(2), 143-150. doi: https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2102_6
- Howe, N., & Recchia, H. (2014). Sibling relationship as a context for learning and development. *Early Education and Development*, *25*, 155-159. doi: [10.1080/10409289.2014.857562](https://doi.org/10.1080/10409289.2014.857562)
- Ivanova, M. Y., Achenbach, T. M., Rescorla, L. A., Harder, V. S., Ang, R. P., Bilenberg, N., Bjarnadottir, G., . . . Verhulst, F. C. (2010). Preschool psychopathology reported by parents in 23 societies: Testing the seven-syndrome model of the Child Behavior Checklist for age 1.5-5. *Journal of the American Academy of child & Adolescent Psychiatry*, *49*(12), 1215-1224. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2010.08.019>
- Karp, J., Serbin, L. A., Stark, D. M., & Schwartzman, A. E. (2004). An observation measure of children's behavioural style: Evidence supporting a multi-method approach to studying temperament. *Infant and Child Development*, *13*, 135-158. doi: <https://doi.org/10.1002/icd.346>
- LaFreniere, P., & Dumas, J. (1996). Social competence and behavior evaluation in children ages 3 to 6 years: The short form (SCBE-30). *Psychological Assessment*, *8*(4), 369-377. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/1040-3590.8.4.369>

- Liu, J. (2004). Childhood externalizing behavior: Theory and implications. *Journal of child and Adolescent Psychiatry Nursing, 17*(3), 93-103. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1744-6171.2004.tb00003.x>
- Martins, C., & Machado, C. (2006). Observação da interação humana: Considerações metodológicas. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 11*(2), 159-176.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM® SPSS®: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga, Portugal: Psiquilíbrios.
- Martin-Storey, A., Serbin, L. A., Stack, D. M., & Schwartzman, A. E. (2009). The behavior style observation system for young children predicts teacher-reported externalizing behavior in middle childhood. *Infant and Child Development, 18*, 337-350. doi: <https://doi.org/10.1002/icd.601>
- Nievar, M. A., Moske, A. K., Johson, D. J., & Chen, Q. (2014). Parenting practices in preschool leading to later cognitive competence: A family stress model. *Early Education and Development, 25*, 318-337. doi: <https://doi.org/10.1080/10409289.2013.788426>
- Nogueira, J. S. (2013). *Avaliação da Psicopatologia em crianças e adolescentes: Contributos para aferição da Bateria ASEBA para o período escolar*. (Master's thesis). Universidade Católica Portuguesa. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10400.14/16948>
- Pizato, E. C. G., Marturano, E. M., & Fontaine, A. M. G. V. (2014). Trajetórias de habilidades sociais e problemas de comportamento no ensino fundamental: Influência da educação infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*(1), 189-197. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722014000100021>
- Rescorla, L. A., Achenbach, T. M., Ivanova, M. Y., Harder, L. O., Otten, L., Bilenberg, N., Bjarnadottir, G., . . . Verhulst, F. C. (2011). International comparisons of behavioral and emotional problems in preschool children: Parent' reports from 24 societies. *Journal of the American Academy of child & Adolescent Psychiatry, 40*(3), 456-467. doi: <https://doi.org/10.1080/15374416.2011.563472>
- Ribeiro, J. F. T. (2011). *Competência social e teoria da mente em idade pré-escolar*. (Unpublished master's thesis.). Instituto Superior da Maia, Maia - Portugal.
- Santos, A., & Veríssimo, M. (2008). Escala de avaliação do comportamento e competência social (LaFreniere & Dumas, 1995). In *XIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos*, Braga, Portugal.

- Santos, T. C. (2011). *Percepção de pais e educadoras sobre os problemas de externalização e internalização das crianças em idade pré-escolar*. (Master's thesis). Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10284/1986>
- Santos, I. F. T. V. (2015). *Temperamento da criança, práticas parentais e adaptação da criança*. (Master's thesis). Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10451/23133>
- Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade na vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 26(3), 435-443. Retrieved from: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S08702312008000300006&lng=pt&tlng=pt.
- Wang, F., Christ, S. L., Mills-Koonce, W. R., Garrett-Peters, P., & Cox, M. J. (2013). Association between maternal sensitivity and externalizing behavior from preschool to preadolescence. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 34, 89-100. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2012.11.003>